

A Primeira Carta de João: A Comunhão com Deus e o Andar na Luz

Na primeira grande divisão de 1 João (1:5—2:17) desenvolve-se o conceito de comunhão com Deus – o que ela é e o que ela não é. O autor ilustra esse tema, já anunciado no Prólogo (1:3), com a metáfora de andar na luz (1:7; 2:9–11); ele a desenvolve em uma série de declarações pelas quais a alegação de estar em comunhão pode ser comprovada (1:6, 8; 2:3, 9), e a aplica a seus leitores com a advertência de que essa comunhão é incompatível com o amor pelo mundo mau (2:12–17). Os pensamentos de João não são organizados lógica e sistematicamente. O tema é desenvolvido em grande parte pela refutação (cf. a referência a “mentir” em 1:6; 2:4) de alegações provavelmente atribuídas aos falsos mestres religiosos que ocasionaram a epístola (cf. “aquele que diz”, em 2:4, 6, 9 e “se dissermos”, 1:6, 8, 10). O tema da comunhão com Deus se evidencia não somente quando João a iguala a andar na luz – o que ocorre no início (1:6) e também em 2:9–11 –, mas também quando ele usa outros termos como equivalentes de comunhão ao atacar as alegações dos falsos mestres, a saber: “conhecer a Deus” (2:3, 4), “estar nele” (2:5) e “permanecer nele” (2:6) e também em seu discurso aos leitores (2:13, 14). A ideia da parceria do crente com Deus é reforçada pelas advertências contra o Maligno (2:13) e o mundo (2:15–17). Um novo tema relativo à situação das igrejas para as quais ele escreve – os anticristos – nos aguarda em 2:18ss.

Esboço: Parte Um

A Mensagem: Deus é luz e nele não há treva alguma, 1:5.

I. COMUNHÃO COM DEUS E PECADO, 1:6—2:2

A. Comunhão é andar na luz, 1:6, 7

B. O pecado é real em nossas vidas e deve

ser confessado, 1:8–10

C. Jesus Cristo é a expiação pelos pecados, 2:1, 2

II. O CONHECIMENTO DE DEUS E O GUARDAR OS SEUS MANDAMENTOS, 2:3–11

A. O conhecimento de Deus requer que guardemos seus mandamentos e andemos como Jesus andou, 2:3–6

B. Um mandamento antigo e novo (amor fraternal) está particularmente implícito, 2:7, 8

C. O amor aos irmãos revela se permanecemos na luz, 2:9–11

III. APLICAÇÃO AOS LEITORES (O PROPÓSITO DA CARTA), 2:12–17

A. Os leitores são assegurados de têm comunhão com Deus e vencerão a oposição do mal, 2:12–14

B. Os leitores são advertidos a não amar o mundo nem as coisas que há no mundo, 2:15–17

A MENSAGEM: DEUS É LUZ, 1:5

No versículo 5 João declara a mensagem principal da epístola: Deus é luz e nele não há trevas. Esta é uma afirmação preliminar à verdade declarada na primeira seção principal, a saber que quem tem comunhão com Deus deve andar na luz. “Andar na luz” é uma forma figurada de dizer que devemos ser purificados do pecado e viver em obediência aos mandamentos de Deus. A tese desta seção é a implicação moral da mensagem apostólica. Muitos comentaristas têm destacado que as ideias principais de João são expostas por uma negação das falsas alegações que possivelmente representavam os ensinamentos de líderes antinominianos: “o pecado não interfere na comunhão com

Deus” (veja v. 6); “podemos estar ou isentos de pecado de modo que ele não esteja em nós” (veja v. 8); e “o pecado não se manifesta na conduta” (veja 2:4).

⁵Ora, a mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos é esta: que Deus é luz, e não há nele treva nenhuma.

[5] **A mensagem que, da parte dele, temos ouvido e vos anunciamos** se refere às palavras do prólogo, em que João mencionou que anunciava a vida eterna que estava com o Pai e que se manifestou. O propósito dessa proclamação ou carta era que seus ouvintes ou leitores tivessem comunhão e que sua alegria fosse completa. Agora João afirma que sua mensagem contém esta verdade: **Deus é luz, e não há nele treva nenhuma.**

Luz neste contexto simboliza a pureza ou santidade de Deus. Esse emprego da “luz” para descrever a divindade é comum a muitas religiões. O conceito bíblico começa com a revelação da glória ou esplendor de Deus: ele “habita em luz inacessível, a quem homem algum jamais viu, nem é capaz de ver” (1 Timóteo 6:16). A seguir, vem a ideia de que Deus é a fonte de toda luz (Tiago 1:17). No Antigo Testamento, o salmista disse o seguinte sobre Deus: “O Senhor é minha luz e a minha salvação” (Salmos 27:1). Aqui o termo é mais de direção ou iluminação, quase equivalendo à salvação que o Senhor dá como sua bênção. O Evangelho de João afirma que o *logos* (Verbo, Palavra) “era vida e que a vida era a luz dos homens” (João 1:5–9). João retomou essa ideia com frequência em seu Evangelho (João 3:19–21; 5:35; 8:12; 9:5; 11:9s.; 12:35s.), às vezes usando a antítese de luz e trevas (João 3:19). Nessas passagens, o conceito de luz parece mais daquilo que ilumina e enriquece a vida dos homens através da sua verdade. No contexto atual, João está preocupado com o pecado que alguns negavam ter (v. 8), e ele promete purificação do pecado como resultado de andar na luz “como ele está na luz” (v. 7).

Vários comentaristas destacam que João faz três afirmações sobre a natureza ou caráter de Deus: “Deus é espírito” (João 4:24); “Deus é luz” (1 João 1:5); “Deus é amor” (1 João 4:8). Em todos esses casos, os substantivos não estão acompanhados de artigo; são qualitativos, chamando a atenção para a natureza verdadeira e essencial de Deus. A natureza de Deus é tal que devemos ser “santos

como ele é santo” (1 Pedro 1:16). A glória de Deus resplandece na face daquele que é o Senhor e o Espírito, transformando à sua imagem aqueles que vivem diariamente a contemplá-lo (2 Coríntios 3:17, 18; 4:4–6). **Deus é luz**, então, enfatiza a pureza e impecabilidade do Pai.

A COMUNHÃO COM DEUS E O PECADO, 1:6—2:2

Os versículos 6 e 7 afirmam que aquele que afirma ter comunhão com Deus deve estar na luz. Essa comunhão é possível até para pecadores porque quem na luz tem seus pecados purificados pelo sangue de Cristo. O caminho para essa comunhão não é negar o pecado, mas confessá-lo e ser purificado. Os dois primeiros versículos do capítulo 2 enfatizam que Jesus Cristo é a expiação por nossos pecados.

Comunhão é andar na luz, 1:6, 7

“Se dissermos que mantemos comunhão com ele e andarmos nas trevas, mentimos e não praticamos a verdade. ⁷Se, porém, andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado.

[6] Deus como luz é pureza absoluta; não há nenhuma escuridão nele. Logo, **se dissermos que mantemos comunhão com ele** (como diziam alguns, segundo sugere João claramente) **e andarmos nas trevas, mentimos**. João proclamou sua mensagem para que seus leitores tivessem comunhão (reconhecimento e relacionamento fraternal) e acrescentou que nossa “comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo”. Todos que estão em Cristo foram atraídos para um relacionamento íntimo e uma comunhão espiritual como irmãos, não somente entre si, mas com Deus e com o próprio Cristo. Mas afirmar que se tem essa participação ou comunhão com Deus, que é luz (pureza), andando nas trevas (isto é, no pecado) é mentir. Aqueles que afirmam estar em comunhão com Deus enquanto andam no pecado estão mentindo, seja para encobrir sua injustiça ou porque estão se enganando a si mesmos. João acrescenta uma frase que descreve melhor a condição desses: **não praticamos a verdade**. O texto original grego diz literalmente: “não estão fazendo a verdade”. “Fazer a verdade” é uma expressão idiomática em que “fazer” significa

praticar ou viver (por exemplo, “praticar a justiça”, 2:29), e “verdade” (aqui introduzida pela primeira vez, veja 2:21; 3:19; 2 João 2–4) significa a realidade divina manifestada em Jesus Cristo e incorporada na revelação representada por Cristo e sua palavra (João 17:17). Qualquer um que alegasse ser possível andar nas trevas (pecado) e manter comunhão com Deus não havia admitido essa verdade nem segundo ela estava vivendo.

[7] Na declaração de que Deus é luz e nele não há trevas, que se andarmos nas trevas (pecado) não podemos manter comunhão com Deus, João implica que somente quem não tem pecado pode ter comunhão com um Deus sem pecado. Isso, obviamente, constitui um paradoxo entre a admissão da pecaminosidade humana e a afirmação de que temos comunhão com “o Pai e com seu Filho Jesus Cristo” (1:3). João continuará a insistir no fato básico de que pecamos (vv. 8, 10). O paradoxo é solucionado mediante três considerações (1:7—2:2): 1) nossos pecados são purificados através do sangue de Jesus desde que os confessemos, 2) Jesus intercede como nosso advogado (2:1) e 3) Cristo é a propiciação (expição) pelos nossos pecados (2:2).

Embora as trevas (pecado) tornem impossível a comunhão com um Deus sem pecado, **se andarmos na luz, como ele está na luz, mantemos comunhão uns com os outros**. Como no versículo anterior, “andar” significa viver ou conduzir-se, significado este retomado em 2:6, 11 e 2 João 4, 6; 3 João 3, 4. Compare com Efésios 5:8, “andai como filhos da luz”; Efésios 4:1; Romanos 6:4; 13:13. Andar na luz significa conduzir-se em santidade ou liberto do pecado. Quando fazemos isso, João diz **mantemos comunhão uns com os outros**. João não disse (como seria de esperar) que somente depois disso teremos comunhão com Deus (a menos que **uns com os outros** signifique entre nós e Deus, como parece improvável). Mas João já havia indicado a estreita relação entre a nossa comunhão com o Pai e o Filho e a nossa comunhão uns com os outros. Essa comunhão se efetiva nos dois sentidos e um afeta o outro. Esse andar na luz é **como ele está na luz**. É um andar consciente da total participação na qualidade da luz, um andar característico de Deus.

Isso aparentemente implicaria que o cristão é alguém que está isento de pecado no que diz respeito à sua conduta – alguém que não peca. Não foi isso que João quis dizer, e ele vai deixar o fato

claro. Andar na luz, segundo João, significa que **o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado**. João prossegue nessa direção apresentando Jesus como Advogado e propiciação (expição) (2:1, 2). A purificação não é instantânea; implica confissão (incluindo, é claro, arrependimento e renovação), versículo 9, e obediência aos seus mandamentos (2:3). João ensina que a comunhão com Deus e seus santos não é possível por algum conhecimento secreto que nos deixará em nossos pecados, nem negando que temos pecado, mas pela purificação diária através do sacrifício de Cristo. “Andar na luz” implica um esforço humano sincero para não pecar; o sangue de Cristo, sob esta condição, nos purifica de todos os pecados (não há exceção; seu sangue purifica totalmente), e desta forma os filhos isentos de culpa têm um relacionamento e uma união espiritual com o Pai.

Observe-se que, desde o princípio, a condição vital e imprescindível para ter comunhão é mediante o sangue de Jesus, o Filho de Deus. João prosseguirá denunciando a gravíssima mentira de negar que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus; isto é, que Cristo não veio em carne (1 João 4:2). Se isso fosse verdade, então Jesus teria morrido apenas como homem, e seu sangue não valeria mais do que o de qualquer outro homem. Consequentemente, não haveria purificação nem comunhão com Deus para os seres humanos pecadores. A menção do sangue confirma a realidade da encarnação, que por sua vez possibilita a realidade da purificação e comunhão divina.

O pecado deve ser confessado, 1:8–10

⁸Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. ⁹Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. ¹⁰Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós.

[8] Pela segunda vez João usa a condicional **se dissermos** como que assumindo a fala de alguns que pensavam erroneamente e que, provavelmente, alegavam não ter pecado. Irineu nos diz que os discípulos de Valentim ensinavam que eram “espirituais” ou “perfeitos”, não podendo ser contaminados pelo pecado, por mais profundo que

naufraassem na prática:

Como o ouro lançado na lama não perde o brilho e conserva a sua natureza sem que a lama o prejudique em nada, assim, dizem eles, podem estar misturados com qualquer obra hlica que não sofrerão dano nenhum, nem perderão sua substância pneumática.

Contra as Heresias I, 6, 2

Se assim argumentarmos, diz João, **a nós mesmos nos enganamos**. Alguns podem realmente crer que isso é verdade, que estão isentos de pecado e não precisam do sangue de Jesus para purificá-los a fim de terem comunhão com Deus, mas esse raciocínio é falso. É mentira, e aqueles que assim falam estão cegos a ponto de não reconhecer seu erro. Se estivermos nesse grupo, a sua **verdade não está em nós**.

[9] Em vez de tentar justificar nossos pecados negando que os temos, João mostra que reconhecê-los francamente é o caminho para a comunhão com Deus: **Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados**. Esta é a única vez que João usa “confessar” referente aos pecados. Em outros trechos, ele emprega esse verbo para o confessar ou o reconhecer que Jesus é o Cristo. Fazer uma confissão de pecados é o primeiro pré-requisito para o perdão. O que se diz aqui pode ser ilustrado pelos que foram até João Batista a fim de serem batizados, “confessando seus pecados” (Mateus 3:6), ou pelos que, depois de crer, “vieram confessando e denunciando publicamente as suas próprias obras” (Atos 19:18). Compare com Tiago 5:14ss.

Os crentes que confessam seus pecados são perdoados por Deus, o qual é **fiel e justo**. Deus é fiel no sentido de que não voltará atrás na promessa que fez em Cristo Jesus. O autor de Hebreus discorre acerca desse conceito de perdão (Hebreus 8:12; Jeremias 31:31ss.). Mas Deus também é justo ao conceder o perdão. Ele não é meramente um juiz tolerante que deixa o pecado livre e impune. Compare isto com Romanos 1:16b; 3:21–26; em que a justiça de Deus é o seu perdão. Visto que a base do nosso perdão (como no versículo 7) é o sangue de Jesus, faze-se justiça pelos pecados perdoados. Assim Deus é **justo** e ainda **perdoa os pecados**. A RA transformou as duas frases em orações finais, que indicam propósito: “para nos perdoar”, conectadas pela conjunção coordenativa: **e nos purificar**. Em ambos os casos, João está assegurando que o perdão completo abre o caminho para a comunhão.

Deus não só **perdoa**, mas também nos purifica **de toda injustiça**. João havia dito anteriormente que, quando andamos na luz, mantemos comunhão uns com os outros e o sangue de Jesus, seu Filho, “nos purifica de todo pecado” (1:7). O fato de o pecador poder ser assim purificado completamente, viabilizando a verdadeira comunhão com Deus, o qual é pura luz, é enfatizado pelo fato de que essa purificação inclui **toda injustiça**. Mais tarde, João se dirigirá a seus leitores com plena confiança de que eles são pessoas cujos “pecados são perdoados” (tempo perfeito no grego, que significa que já estão no estado de perdão) “por causa do seu nome” (1 João 2:12).

[10] Assim como, segundo o versículo 8, não devemos dizer que não temos cometido pecado (culpa atual), também não devemos negar a culpa pelos pecados do passado: **Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso**. Na primeira passagem, João se referia ao estado pecaminoso; não devemos alegar que estamos isentos ou acima do pecado para que não haja em nós nenhuma mancha ou sinal de sua sujeira. Aqui **não temos cometido pecado** refere-se a pecados particulares ou atos de injustiça contínuos. Todos devem confessar diariamente que pecaram. Isto se alinha com o reconhecimento de Paulo de que todos pecaram (Romanos 3:23) e da “lei do pecado e da morte que está em nossos membros” (Romanos 7; cf. Tiago 1:13–15). Visto que Deus é luz, somente aqueles que pela confissão e pelo perdão de Deus se livram desses pecados podem ter comunhão com ele.

Se nos enganarmos a ponto de negar que cometemos pecados, **fazemo-lo mentiroso**. Esse uso do verbo *poieō* como equivalente de “afirmar ou alegar que se é alguma coisa” é uma das expressões favoritas de João: 1 João 5:10; João 5:18; 10:33; 19:7, 12. Se não fôssemos pecadores, toda a ação de Deus em Jesus em operar nossa salvação seria inútil. A cruz é o julgamento de Deus sobre os pecados dos homens. Se o pecado for anulado, toda a ação e revelação celestial de Deus é declarada uma mentira. Veja Romanos 3:4, 10s.

Além disso, negar o pecado significa que **a sua palavra não está em nós**. Os cristãos são aqueles em quem a palavra de Deus permanece (1 João 2:14). Eles são o que são porque a revelação da verdade de Deus os moldou. Jesus havia falado daqueles em quem “a sua palavra não estava” (João 8:37). Aqueles que negam que são pecadores não

permitem que a mensagem de Deus, que declara que o mundo inteiro está em pecado (1 João 5:19), tenha qualquer efeito em suas vidas. Compare isso com 1 João 5:10, onde João diz que aquele que não crê no Filho faz de Deus um mentiroso, pois rejeita o testemunho que Deus deu. Veja também João 3:33, “quem, todavia, lhe aceita o testemunho, por sua vez, certifica que Deus é verdadeiro”.

Jesus Cristo é a propiciação pelos pecados, 2:1, 2

¹Filhinhos meus, estas coisas vos escrevo para que não pequeis. Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo; ²e ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro.

[1] O capítulo 2 dá continuidade à exposição sobre a comunhão com Deus e o pecado (1:5ss.) e não contém nenhuma ruptura com o conteúdo anterior. Cristo é apresentado como o justo e como advogado e a propiciação (expição) pelos pecados do mundo inteiro. Em vez de negar o pecado, o pecador deve confiar na intercessão de Cristo.

João assinala aqui a primeira nota pessoal da carta. Ele escreve: **Filhinhos meus**. Embora isso não identifique seus leitores, indica que a epístola se destinava a leitores que mantinham um relacionamento bem próximo com o escritor. A expressão é o diminutivo da palavra grega para criança. Foi usada por Jesus como um termo afetoso num vocativo amoroso aos seus discípulos (João 13:33) e só ocorre novamente no Novo Testamento nesta mesma epístola (1 João 2:12, 28; 3:7, 18; 4:4; 5:21).

João escreve para que seus filhinhos não pequem. O pecado quebra a comunhão com Deus. Impedir que os cristãos pequem é a grande obra de Cristo por meio do evangelho. João citou verdades que dão ao discípulo de Cristo o incentivo e os meios para viver mais perto de Deus e a ele obedecer com maior perfeição para não pecar: Deus é luz, devemos andar na luz, devemos confessar os pecados e sermos purificados no sangue de Jesus. O cristão que tem a esperança do evangelho “a si mesmo se purifica... assim como ele é puro” (1 João 3:3).

Mas João já havia falado da realidade do pecado em nossas vidas: não podemos dizer que não temos pecado. O evangelho provê o remédio **se, todavia, alguém pecar**. João usa o tipo de senten-

ça condicional que implica que cada um provavelmente pecará. O remédio consiste em **termos Advogado junto ao Pai**. A palavra grega para “advogado” é a mesma aportuguesada para *paracleto*. Estamos familiarizados com essa palavra no Evangelho de João como um nome para o Espírito Santo (João 14:26). Significa literalmente “alguém chamado para o lado”, isto é, para ajudar ou socorrer alguém. Pode significar “consolador” ou “aquele que conforta”, mas o significado predominante é “defensor da nossa causa”, um advogado. A obra do Espírito Santo, o qual viria depois da partida de Jesus para consolar, confortar e interceder pelos discípulos, ajuda-nos a compreender a obra de Jesus que está agora no céu a interceder por nós. O fato de Jesus ter empregado *paracleto* para o Espírito Santo não limita seu significado. Na conhecida oração sacerdotal de João 17, Jesus intercedeu por seus discípulos. Enquanto esteve na terra, Jesus os guardou (João 17:12), e ele orou para que, após a sua partida, o Pai os guardasse do maligno (17:15). Agora o autor de 1 João revela que Jesus está exercendo seu ofício celestial de sumo sacerdote intercedendo pelos pecados dos crentes pelos quais ele morreu. Aqui vemos uma estreita afinidade com o ensino de Hebreus 7:25–27; veja também Romanos 8:34.

Esse Advogado é **Jesus Cristo, o Justo**. Como nosso advogado, Jesus é **o Justo**, um termo que provavelmente se refere à eficácia de sua intercessão (mas veja em Atos 3:14 esse termo como um título messiânico). “Aquele que pratica a justiça é justo” (1 João 3:7; cf. 2:29). Ao cumprir a vontade de Deus perfeitamente, ao morrer como o “justo pelos injustos” (1 Pedro 3:18; veja Isaías 53:11), Jesus se qualificou como alguém cujas súplicas em nosso favor são eficazes. Em 1:9, o contexto é o do Antigo Testamento, em que o Deus da aliança é fiel às suas promessas e julgará com uma justiça que não só efetua o que é justo, mas também concede salvação ao seu povo: “ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados”.

[2] Jesus não só intercede por nós como nosso advogado, ele tem um antídoto que, quando aplicado aos nossos pecados, pode garantir perdão. João enfatiza (usando o pronome intensivo *autos*) que esse é a propiciação (expição) pelos nossos pecados. Embora o pensamento geral aqui seja bastante claro, há controvérsias quanto ao significado exato da palavra traduzida por **propiciação** (grego *hilasmos*). Ela ocorre novamente em 4:10 a respeito

de Cristo, a quem Deus enviou para ser a propiciação pelos nossos pecados e significa um apaziguamento, um dote ou feito que desvia a ira e faz aquele que se desagradou do outro ter prazer nele. Na literatura grega, “propiciação” geralmente está relacionada a práticas cultuais de ritos e sacrifícios para aplacar ou pacificar os deuses enquanto estavam caprichosamente zangados ou inamistosos com os humanos. Enquanto “propiciar” se refere ao ofendido, “expiar” se refere à ofensa de quem caiu em desfavor. A palavra grega vem de *hilaskes-thai*, que significa “fazer o outro ser gracioso”. Na Septuaginta, o verbo correspondente é, por vezes, usado no sentido de “ser misericordioso” ou “ser compassivo” (Êxodo 32:14). Do ponto de vista humano, significa “expiar” ou perdoar o pecado (Ezequiel 43:20, 22). Este verbo é usado no Novo Testamento apenas em Hebreus 2:17 para a obra de Jesus como sumo sacerdote ao expiar os pecados do povo, isto é, “subtrair dos pecados sua validade e significado” (Büchsel em *The Theological Dictionary of the New Testament*, Vol. III, p. 316). A palavra que João usa aqui em 2:2 na Septuaginta geralmente significa a expiação do pecador individual por seu pecado. Em Ezequiel 44:27 e 45:19 é o sacrifício da oferta pelo pecado, embora também possa ser o perdão do próprio Deus (Salmos 129:4). O mais importante é o fato de que esse termo nunca é usado no sentido de propiciar a Deus. Büchsel comenta o seguinte sobre 1 João 2:2:

João está obviamente seguindo o Antigo Testamento. *Hilasmos* não implica a propiciação de Deus. Refere-se ao propósito que o próprio Deus cumpriu ao enviar o Filho. Portanto, repousa no fato de que Deus é gracioso, ou seja, em seu amor, cf. 4:10. O significado, então, é anular o pecado como culpa contra Deus. Isso é demonstrado pela combinação de *hilasmos* em 2:2 com *parakletos* em 2:1 e com a confissão de pecado em 1:8, 10. O resultado subjetivo de *hilasmos* no homem é *parresia*, confiança diante do julgamento divino, 4:17; 2:28, ou vitória sobre a consciência do pecado.

Büchsel, *Ibid.*, p. 317

“Expição”, portanto, parece ser a melhor tradução aqui. Todo este tema está ligado à expiação, porém não precisamos discriminar as teorias da expiação. A certeza que temos é que pela ação de Cristo vencemos o efeito do pecado em nossas vidas e não precisamos (como em 1:8, 10) negar a realidade desse pecado. Outro ponto a ser observado é que João utiliza um substantivo de ação que significa “ato de expiar” ao invés do agente “expiador”.

Aqui temos o abstrato no lugar do concreto; o que é conveniente, pois, como diz Lenski, “quando aplicada a uma pessoa, [expição] combina a pessoa com seu ato e o efeito do ato” igualmente. Jesus é o Salvador, e sua ação em nosso favor assegura o perdão contínuo ou a purificação do pecado. Desse modo, João, mais adiante, escreverá: “Filhinhos, eu vos escrevo porque os vossos pecados são perdoados por causa do seu nome” (2:12).

Todavia, essa propiciação ou expiação não se limita a um pequeno grupo. Jesus é a expiação pelos nossos pecados e não somente **pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro**. Schnackenburg destaca que a teologia judaica posterior desenvolveu a ideia de expiação do Antigo Testamento, ligando-a ao conceito do sofrimento e morte vicária de homens justos e mártires em favor do povo. Ele cita, por exemplo, a oração do velho Eleazar, que foi queimado até a morte: “Tem misericórdia do teu povo e sê satisfeito com o meu castigo no lugar deles. Que o meu sangue seja a purificação por eles, e leve a minha vida em recompensa (*anitsuchon*) pelas vidas deles” (4 Macabeus 6:28, 29). Com a ruptura do exclusivismo judaico, essas ideias poderiam dar à morte do Messias um significado mundial. A universalidade dos resultados da missão e obra de Cristo é enfatizada por João, especialmente em seu Evangelho (João 1:29; 3:17; 4:42; 10:16; 11:52; 12:24, 32, 47; 17:18, 20).

É natural, ao mesmo tempo, pensar que a linguagem subsequente empregada por João nesses versículos se deve às ideias docetistas dos mestres gnósticos. Certamente o ponto de João ao enfatizar o sangue de Jesus em 1:7 e 5:6 deve ser visto à luz da afirmação gnóstica de que o Espírito de Cristo deixou Jesus antes de sua morte. O ponto destacado por João é que o sangue ou o sacrifício de Jesus é necessário à expiação que antecede a comunhão do crente, por isso o falso ensino docetista roubava do evangelho o seu âmago. O elemento universal presente neste versículo pode estar relacionado, então, à exclusividade gnóstica, que oferecia salvação aos uns poucos eleitos. Esse tratamento também concorda com a oposição ao antinomianismo individualista que se segue.

O CONHECIMENTO DE DEUS E O GUARDAR OS SEUS MANDAMENTOS,

2:3–11

Na segunda divisão desta primeira parte de sua epístola, João enfatiza o conhecimento de Deus.

Primeiro ele apresenta o tema da seção: Conhecer a Deus é guardar ou obedecer aos seus mandamentos (v. 3). Esse tema é, então, contraposto à afirmação de alguns falsos mestres de “que conheciam” a Deus (v. 4). Em seguida, usando as expressões “amar a Deus” e “permanecer nele” como sinônimos de conhecê-lo, o autor desenvolve o tema do conhecimento falando de guardar a palavra do Senhor, guardar os mandamentos ou andar como ele andou (vv. 4–6). O mandamento específico de amar os irmãos é, então, escolhido como ilustração da prática de guardar os mandamentos (vv. 7, 8). Por fim, ele conclui que amar os irmãos revela se a pessoa está andando na luz ou nas trevas (vv. 9–11).

Guardar os mandamentos de Deus, 2:3–6

Há um notável paralelo entre o início desta seção (2:3–5a) e o início da anterior. Em ambos declara-se um tema: ter comunhão é andar na luz (1:5) e conhecer a Deus é guardar os mandamentos (2:3). Em seguida, há uma rejeição da afirmação ou alegação dos falsos mestres: se alguém afirma ter comunhão e anda nas trevas, mente (1:6), e se alguém diz que conhece a Deus e não guarda os mandamentos, mente (2:4). Então, em cada seção, a implicação dessa falsa afirmação é contrastada pela afirmação positiva da bênção sobre quem se apegue à verdade (1:7 e 2:5).

³Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos. ⁴Aquele que diz: Eu o conheço e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade. ⁵Aquele, entretanto, que guarda a sua palavra, nele, verdadeiramente, tem sido aperfeiçoado o amor de Deus. Nisto sabemos que estamos nele: ⁶aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou.

[3] Se Cristo é tudo o que foi dito a respeito dele – intercessor e propiciação (expição) – como ter certeza de que ele é realmente tudo isso para nós? **Sabemos**, diz João, **que o temos conhecido**. João faz um trocadilho com o tempo do verbo *ginōskō*, que significa perceber, apreender a ideia para que ela se torne seu próprio conhecimento. “Sabemos” denota certeza (“temos o conhecimento”, tempo presente) “temos conhecido” (literalmente, que “conhecemos”, tempo perfeito do mesmo verbo). É outro modo de dizer que a percepção pode au-

mentar, pode se tornar cada vez mais segura ao longo do caminho. Mas como? **Se guardamos os seus mandamentos**.

Mandamentos aqui se refere às coisas que Jesus ordenou aos seus discípulos, como amar uns aos outros (João 13:34). Assim como Jesus guardou as instruções de seu Pai, ele espera que seus discípulos sigam suas instruções (João 15:10; cf. 8:29). **Mandamentos** (aqui introduzido na epístola pela primeira vez, mas veja, 3:22–24; 4:21; 5:2, 3) corresponde a outras expressões como a mensagem (1:5), a palavra (2:5), a verdade (2:21) e “o que ouvistes desde o princípio” (2:24). Estas são expressões gerais para os ensinamentos de Jesus. Outra maneira de dizer a mesma coisa é “fazer o que lhe é agradável” (3:22). **Guarda[r]** os seus mandamentos significa observar ou manter a guarda para agir de acordo com eles. João não tem como foco nestes livros atos de adoração em serviços religiosos, e sim as relações éticas com o próximo ou com os irmãos e as ordenanças de Jesus para andar na luz, isto é, em pureza de vida (3:3). A prova está na ação do crente. A realidade de Jesus e o que ele pode significar para a alma do crente se revela na medida em que o crente anda como Jesus andou (v. 6), na luz como ele está na luz.

É bem possível que João tivesse em mente as alegações dos gnósticos a respeito do conhecimento de Deus. Tudo leva a crer que eles alegavam ter um conhecimento que não envolvia uma atenção aos mandamentos de Deus. Em contraste com a ideia grega de que o conhecimento da realidade vem da atividade da mente através da percepção e reflexão, os gnósticos (em conformidade com o cristianismo) acreditavam que o conhecimento de Deus é um dom de Deus ao homem; vem por revelação. A igreja primitiva acreditava que essa revelação começou com Jesus e foi transmitida através dos apóstolos e mestres inspirados de acordo com uma tradição estritamente controlada. As revelações deveriam seguir o padrão daquilo que fora ouvido desde o princípio. Os gnósticos foram além a ponto de declarar um conhecimento revelado e percebido por uma visão extática ou mística. Paulo insistiu que qualquer pretensão de conhecimento deve ser testada pelo crivo do amor, pelo qual somos conhecidos por Deus (1 Coríntios 8:1ss.). Amor aqui significa a resposta a Deus guardando os seus mandamentos, particularmente o de amar aos nossos semelhantes (1 Coríntios 13). Esse tipo de conhecimento é o fundamento da mensa-

gem evangélica.

Conhecer a Deus é estar em relacionamento ou comunhão com ele. Conhecer a Deus é sinônimo de estar “nele” (João 10:38; 14:11; 17:21; 1 João 2:3–5; 5:20). A natureza de Deus condiciona o modo de agir daquele que está assim em comunhão com ele. Ele é vida, e seu dom para o crente por meio de Cristo é vida – vida eterna – por isso conhecê-lo é ter vida eterna (João 5:26; 17:3). Mas conhecer a Deus também é ser condicionado pelo seu amor (1 João 4:8, 16). “Aquele que não ama não conhece a Deus.” Esse amor, portanto, comprova quem realmente conhece a Deus (1 João 4:7ss, 20). Mas a base disso não é uma revelação interior, e sim a manifestação do amor de Deus em Jesus Cristo. É assim que conhecemos o amor e o que significa amar (João 3:16; 1 João 4:9ss.). É assim que amar o Pai é determinado pela observância dos seus mandamentos: sem guardar os mandamentos de Deus, não há como conhecê-lo nem como permanecer no seu amor.

Esta é a primeira de nove vezes em que o escritor emprega a expressão “nisto ou por isso **sabemos** ou reconhecemos que” (2:3, 5; 3:16, 19, 24; 4:2, 6, 13; 5:2). Ele cita vários meios de testar se alguém “conhece a Deus”, “está nele”, “conhece o amor”, “é da verdade”, se “Deus permanece nele”, “se o Espírito que está nele é de Deus” ou é “o espírito do erro”, “se somos filhos de Deus” e “se permanecemos nele”. A ideia de que João está indicando que seus leitores cristãos estavam hesitantes e em dúvida sobre seu estado perante Deus parece ser descartada em 2:12ss. É mais provável que João estivesse emprestando falas ditas pelos falsos mestres, fornecendo os meios práticos para os irmãos testarem o que eles alegavam.

[4] Se sabemos que conhecemos a Deus e seu Filho guardando os seus mandamentos, como afirma o versículo anterior, então aquele que diz **eu o conheço e não guarda os seus mandamentos é mentiroso**. Expressões como “se dissermos” ou “aquele que diz” (veja 1:6) provavelmente eram palavras de ordem ditas pelos falsos mestres (veja 2:19). Esses “sábios” que alegavam ter conhecimento de Deus enquanto desobedeciam ou desrespeitavam sua palavra ou mandamentos eram mentirosos. Eles realmente não conheciam a Deus. O meio de conhecer a Deus é guardando a sua palavra. Visando enfatizar a falsidade desse pensamento, João acrescenta: **e nele não está a verdade**. Veja outras denúncias de deturpações sobre a vida

cristã em 1:8, 10.

[5] O estilo de João é reforçar um ponto afirmando-o e depois afirmando o contrário. Seguindo esse estilo, ele expõe a antítese de que afirmar conhecer a Deus sem guardar seus mandamentos é mentir. Mas, para isso, ele emprega uma linguagem um pouco diferente. A **palavra** (isto é, toda a mensagem ou revelação de Cristo) é substituída por “mandamentos”, e amor é usado no lugar de “saber”. Como poderia alguém que não guarda a palavra de Deus ou os mandamentos de Deus conhecer a Deus? E, ainda mais importante, como poderia essa pessoa amar a Deus? O amor é mais importante que o conhecimento, pois o amor transcende o conhecimento (1 Coríntios 8:1–3; 13:2, 9–13). Mas aquele que vive segundo os ensinamentos de Jesus Cristo não só conhece ou reconhece a Deus, mas demonstra amor a Deus. O próprio Jesus disse: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (João 14:15; veja também 21, 23; 15:10). Assim, aquele que guarda a palavra tem o amor de Deus aperfeiçoado nele. Nisto o amor atingiu seu objetivo ou fim mais elevado ou verdadeiro. O amor só é aperfeiçoado quando a pessoa, agindo com lealdade e devoção a Deus, expressa seu amor através da obediência. Feito isto, o amor atingiu seu objetivo maior. Sobre a ideia de aperfeiçoar ou alcançar o fim ou propósito de algo leia 4:12, 17, 18 (amor) e João 4:34; 5:36; 17:4 (obra) e João 17:23; 19:28.

Guardar a palavra de Deus é o sinal inconfundível de que temos comunhão com ele: **Nisto sabemos que estamos nele**. Aqui João menciona pela primeira vez a ideia de “estar em” Cristo, um termo mais recorrente nos escritos do apóstolo Paulo (Filipenses 1:1; Romanos 8:1; 3:24; Efésios 3:1). Paulo parece querer dizer com isso que o cristão se une a Deus através da “habitação interior” do Espírito Santo (1 Coríntios 6:17, 19). João parece estar enfatizando a comunhão entre o discípulo e Cristo. De fato, depois de 1:6 e 7, João não usa o termo comunhão novamente e parece substituí-lo pelas expressões “estar em Cristo”, “conhecê-lo” ou “permanecer nele”. João empregará este último termo mais vezes (veja o próximo versículo), reutilizando a expressão “estar nele” somente no último parágrafo da epístola (5:20).

[6] Mais uma vez João parece escolher uma fala dita por um falso mestre: **aquele que diz que permanece nele**, isto é, em Jesus. Este é o primeiro uso de uma das ideias mais peculiares em

João. O verbo *menein* significa “ficar”, “permanecer” ou “continuar”. Significa manter-se no lugar ou esfera em que se encontra. Ocorre vinte e três vezes somente em 1 João. João fala de coisas que permanecem em nós: a palavra de Deus (2:14), o que ouvimos desde o princípio (2:24), nossa unção (2:27), a semente (3:9), a vida eterna (3:15), o amor de Deus (3:17) e o próprio Deus (4:15). Da mesma forma, o estado em que o indivíduo está pode ser continuado: pode-se permanecer na luz (2:10), na morte (3:14), bem como no Pai ou no Filho (2:24).

A frase **que permanece nele** enfatiza a união e comunhão com Deus. Estamos unidos a ele pela dádiva do seu Espírito. Por isso João diz: “E nisto conhecemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu” (1 João 3:24). Certamente espera-se que qualquer pessoa que desfrute desse privilégio ou relacionamento continue ou nele permaneça. Mas aquele que afirma que permanece nele, **esse deve também andar assim como ele andou**. João já disse que não se pode ter comunhão com Deus a não ser andando na luz, como Deus está na luz. E não se pode andar nessa luz a não ser andando na palavra ou nos mandamentos de Jesus. Jesus andou como nos ensinou a andar.

Um mandamento antigo e novo, 2:7, 8

Na seção anterior, João mostrou que afirmar conhecer a Deus envolve guardar seus mandamentos (2:3–6). Agora ele escolhe um mandamento específico e se concentra nele para ilustrar seu raciocínio. “Novo mandamento”, sem dúvida, aponta para a declaração de Jesus em João 13:34: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros”. Este foi o mandamento diferenciado de Jesus, e ele o vinculou ao privilégio de permanecer em seu amor (João 15:10). O sentido em que esse mandamento é novo João explica no versículo 8.

⁷Amados, não vos escrevo mandamento novo, senão mandamento antigo, o qual, desde o princípio, tivestes. Esse mandamento antigo é a palavra que ouvistes. ⁸Todavia, vos escrevo novo mandamento, aquilo que é verdadeiro nele e em vós, porque as trevas se vão dissipando, e a verdadeira luz já brilha.

[7] João escolhe um paradoxo para introduzir o assunto. Este é um de seus recursos estilísticos favoritos: descrever as coisas de maneiras aparentemente contraditórias. Embora fosse bem

conhecido que Jesus chamara seu ensino de novo mandamento, João diz: **Amados, não vos escrevo mandamento novo**. O que João quer dizer é que, embora Jesus o tenha chamado de novo mandamento, não significa que seja novo em todos os sentidos, mas novo pelo menos num sentido nunca ouvido antes. Certamente não era novo para os leitores de João, pois era **mandamento antigo, o qual, desde o princípio, tivestes**. O próprio Jesus talvez estivesse fazendo um trocadilho com a palavra “novo”, pois ele admitiu que a ordem para amar o próximo fazia parte da lei mosaica (Levítico 19:18) e a classificou como um dos dois maiores mandamentos dessa lei (Mateus 22:34ss.). Visto que Jesus havia ensinado esse ensino ou mandamento e ele fazia parte da doutrina dos apóstolos desde o início, certamente ele não era novo para os leitores de João.

Alguns comentaristas argumentam que o **mandamento** que não era **novo** não remete à declaração de Jesus sobre o novo mandamento de amor. Sugerem que João afirma claramente não estar falando do novo mandamento, mas estar ordenando um antigo mandamento que eles tinham desde o princípio. Essa interpretação é defendida mostrando-se que não há um consenso exato entre os comentaristas sobre qual é a novidade do mandamento. Essa opinião ignora o caráter paradoxal da declaração de João aqui. Afinal, Jesus de fato chamou o mandamento de novo. Visto que Jesus não explicou exatamente em que sentido o mandamento era novo, era previsível que os estudantes tivessem um entendimento um pouco diferente. Por fim, o texto revela que o mandamento sobre o qual João vai falar é o novo mandamento de Jesus – o amor.

[8] O mandamento de Jesus não era novo no sentido de que nunca havia sido dado ou praticado antes; no entanto, num sentido ele era novo. João, então, reitera: **Todavia, vos escrevo novo mandamento**. Os judeus costumavam dizer que todos os mandamentos se resumiam no único mandamento de amar a Deus e amar ao próximo. Assim, Jesus ao dizer que este era “seu” mandamento parece significar que se alguém ama seu próximo como Cristo amou os discípulos, todas as outras ações e atitudes estarão corretas. Geralmente se entende que o termo paulino “a lei de Cristo” (Gálatas 6:2; cf. 1 Coríntios 9:21) refere-se a essa lei de amor.

Mas qual é a novidade desse mandamento para amar? Quando João diz **aquilo que é verdadeiro**

nele e em vós, o pronome relativo **que** (neutro) provavelmente se refere a essa “novidade” e denota um novo tipo de amor que era verdadeiro em Jesus e deveria ser demonstrado entre os discípulos. O conceito de amor não era novo quando Jesus deu a ordem, mas a maneira como Jesus amava era nova. Ele deu ao amor uma nova dimensão ou qualidade. Ele não ordenou apenas “amai o próximo como a vós mesmos”, mas “amai como eu vos amei” (João 13:34). O amor de Deus e de Cristo foi manifestado na cruz quando Jesus morreu pelo mundo mau, por seus inimigos, por aqueles que o odiavam, por todos os pecadores – ou seja, por todos nós. Por vezes o amor de Jesus exemplificado em sua morte na cruz é mencionado como o padrão de comparação para se definir como devemos amar (João 13:34; 15:12, 13; 1 João 3:16). Esse amor é único porque não foi em retribuição a amor ou bondade. Leia sobre isso em Romanos 5:7; e sobre sua incompreensibilidade, em Efésios 3:18. É esse tipo de amor que é novo e verdadeiro em nós, quando o imitamos ao amar nossos inimigos e fazer o bem àqueles que nos maltratam e nos perseguem (Mateus 5:38–48).

A realidade da novidade do amor em Jesus e nos discípulos está no fato de que **as trevas se vão dissipando, e a verdadeira luz já brilha**. Essa linguagem (mencionada novamente em 2:17) está enraizada na ideia de que Jesus inaugurou uma nova era há muito tempo esperada pelos judeus (Mateus 12:32). Os cristãos já foram desarraigados deste mundo (Gálatas 1:4) e aguardam a plenitude das bênçãos da era vindoura (Hebreus 6:5). Este mundo perverso ou a presente era de Gálatas 1:4 foi uma era de trevas; a nova era é luz. Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (João 8:12). Embora a nova era já tenha sido inaugurada, as duas eras coexistem. A confiança é que o poder da luz está dissipando as trevas: “Vai alta a noite, e vem chegando o dia” (Romanos 13:12; cf. João 1:5; 1 Coríntios 7:31). Os discípulos andam na luz (Efésios 5:8). O amor que Cristo havia ensinado se manifestou na vida dos cristãos e foi a confirmação das expectativas da era de luz, quando a verdadeira luz que veio ao mundo iluminaria todos os homens (veja João 1:9).

Amar aos irmãos, 2:9–11

João agora (vv. 9–11) explica o significado do novo mandamento. Só andamos na luz se obede-

ceamos ao mandamento de amar nossos irmãos. O ódio revela que fazemos parte do reino das trevas.

⁹**Aquele que diz estar na luz e odeia a seu irmão, até agora, está nas trevas.** ¹⁰**Aquele que ama a seu irmão permanece na luz, e nele não há nenhum tropeço.** ¹¹**Aquele, porém, que odeia a seu irmão está nas trevas, e anda nas trevas, e não sabe para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos.**

[9] Aqui está outra daquelas passagens em que a expressão “aquele que diz” parece estar denunciando falsas alegações. Aqui, também, João especifica o significado do novo mandamento. Ele está falando de amar os irmãos e do homem **que diz estar na luz** da nova era, mas que não pratica o novo mandamento de amar a seus irmãos. Aquele que de fato **odeia a seu irmão** não é um cristão autêntico; apesar de a verdadeira luz já estar brilhando, ele, **até agora, está nas trevas**.

As muitas passagens da epístola que mencionam amor e ódio podem estar relacionadas ao motivo que deu ocasião à epístola. Inácio, um escritor cristão de ca. 110 d.C., escreveu contra os falsos mestres que negavam a encarnação de Jesus. Em sua epístola aos esmirnenses, ele citou o novo mandamento e disse: “Identifiquem os que têm opiniões estranhas sobre a graça de Jesus Cristo que veio a nós, e vejam como são contrários à mente de Deus. Por amor eles não têm cuidado, nem do aflito, nem do desamparado, nem do preso, nem do liberto da prisão, nem do faminto ou do sedento” (VI, 2). João pode estar pensando em Diótrefes, mencionado em 3 João 9 e 10, que não reconhecia a autoridade de João e na sua recusa de ter comunhão com outros cristãos. João também mencionará a retenção de recursos materiais dos pobres como uma violação do amor e uma manifestação de ódio (3:17). Estas eram expressões de recusa a viver pelo novo mandamento. Os que assim agiam não estavam vivendo na luz.

[10] Em contrapartida, aquele que **permanece na luz** da nova era obedece ao novo mandamento de Jesus e **ama a seu irmão**. Deve-se entender **irmão** no sentido cristão de “aquele que está em Cristo”. Não importa como o outro irmão agiu com o cristão, ele não deve retribuir com ódio. De lembrar que por esse irmão Cristo morreu. Só assim o cristão permanece na luz.

O pronome *auto* (“nele”) pode ser neutro ou masculino. João está dizendo que quando o cris-

tão ama a seu irmão ele permanece na luz, na qual não há motivo para tropeço (veja João 11:9), ou está dizendo que quando ele ama a seu irmão não há motivo para nele tropeçar. Em ambas as possibilidades, João apresenta o ódio como motivo de armadilhas ou tropeços. Se um cristão deixa de obedecer ao novo mandamento, ele ajuda a colocar tentações diante de outros cristãos que os levarão ao pecado e talvez à perdição eterna.

[11] João parece repetitivo ao iniciar esta nova frase: **Aquele, porém, que odeia a seu irmão está nas trevas**, mas este é o seu estilo. Não só em frases, mas também em parágrafos e temas, João diz uma coisa, depois a retoma e a repete ampliando ou variando os termos. É um estilo do tipo varredura ou espiral. João não repete simplesmente; ele amplia. Plummer aponta que o v. 9 contém apenas um predicado descritivo, “está nas trevas”; o v. 10 contém dois, “permanece na luz” e “nele não há nenhum tropeço”; mas este versículo contém três: **está nas trevas, e anda nas trevas, e não sabe para onde vai**. Quem odeia a seu irmão não está na luz da nova era, mas nas trevas. Veja 2 Pedro 1:7, 9. Ele anda nas trevas; isto é, seus atos são inevitavelmente produto do ódio: inveja, rancor, falso testemunho, calúnia, roubo e talvez até assassinato (veja 3:15). Tudo isso acontece porque quem odeia **não sabe para onde vai**. Ele não percebe a imensidão de seu pecado e para onde isso o levará. Compare com as palavras notavelmente semelhantes de João 12:35: “Ainda por um pouco a luz está convosco. Andai enquanto tendes a luz, para que as trevas não vos apanhem; e quem anda nas trevas não sabe para onde vai”. A razão da cegueira é que **as trevas lhe cegaram os olhos**. Veja uma comparação com essa ideia em Romanos 1:21; Lucas 11:35; João 3:19; 2 Coríntios 6:14; Efésios 6:12; Colossenses 1:13; e Efésios 5:8.

NOTA SOBRE O AMOR (AGAPĒ)

A atitude de controlar e nortear os seguidores de Jesus em sua vida ética (João 13:34) há muito é reconhecida como única. As tentativas de definir e analisar o que Jesus e os escritores inspirados queriam dizer com a palavra “amor” neste contexto são prejudicadas pela inadequação do vocabulário. Em português, “amor” evoca com muita frequência a ideia de afeto, especialmente ligada ao conceito ocidental de amor “romântico”. A opção “caridade” (1 Coríntios 13) exprime bem o sentimento; mas é um termo ainda muito relacionado

à ideia de beneficência para com os pobres. Diante disso, muitos acreditam que deveríamos usar em nossas Bíblias a palavra original em sua forma transliterada, *agapē*.

Alegam alguns estudiosos que *agapē* é uma palavra de cunho bíblico. Deissmann encontrou algumas inscrições que ele acreditou conterem essa palavra; mas a restauração desses textos não eliminou a incerteza quanto à singularidade desse vocábulo. O cristianismo certamente usou *agapē* para descrever o novo princípio ético ensinado por Jesus Cristo. O uso da palavra pela igreja primitiva tornou único o conceito cristão de amor *agapē*. Sempre que se redige uma definição desse amor, há que se ter em mente o princípio de andar a segunda milha dito por Jesus no sermão do monte, suas parábolas como a do bom samaritano e as contribuições de Paulo em Romanos 12 e 1 Coríntios 13. Veja mais sobre a prática do amor no Novo Testamento em 1 Tessalonicenses 4:9; Colossenses 3:14; Efésios 5:2.

Um número incomum de declarações de João sobre esse amor o vincula ao modo como Deus nos ama em Cristo e como Cristo nos amou em sua morte (João 13:34; 15:12; 1 João 3:16). Em suas declarações em Romanos 5, Paulo mostra o significado desse amor ao afirmar que dificilmente alguém morreria por um justo – embora talvez por um homem bom alguém se dispusesse a morrer. Apesar disso ser verdade a respeito do amor humano em seu nível máximo, Deus mostra seu amor por nós quando Cristo morreu por nós enquanto ainda éramos pecadores (Romanos 5:6–8). O amor de Deus não foi um ato em retribuição ao amor dos seres humanos por ele. Foi iniciativa dele amar seres rebeldes afundados no pecado – pessoas que odiavam a Deus. Nossa atitude para com pessoas em pecado, até para com inimigos que nos odeiam e nos usam maldosamente, deve ser em imitação a esse mesmo espírito. Mais do que que afeto, essa atitude revela interesse e cuidado para com o nosso próximo pecador, na esperança de que o retribuir-lhe o mal com o bem o leve ao arrependimento. “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (João 13:35).

APLICAÇÃO AOS LEITORES, 2:12–17

Em duas seções anteriores, João desenvolveu o tema “Deus é luz”. Ele declarou que para manter comunhão com Deus é necessário andar com ele na luz (1:5–2:2) e que isso envolve guardar

os mandamentos de Deus, como, por exemplo, o novo mandamento de amor de Jesus (2:3–11). Nesta última seção, João aplica esses princípios a seus leitores. Primeiro ele parece confirmar que eles tinham comunhão com Deus (2:12–14) e depois adverte que o relacionamento com Deus não deve ser posto em perigo por causa do amor ao mundo.

Comunhão com Deus, 2:12–14

Em 1:3 e 4 João indicou que o propósito daquela comunicação era que seus leitores e ele mantivessem comunhão e que a alegria deles fosse completa. Aqui ele volta a declarar o propósito de sua carta. (E falará novamente desse assunto em 2:28; 3:7, 18; 4:4; 5:21.) Nestes versículos (12–14) João parece tranquilizar seus leitores. Embora tenha insinuado pontualmente que era falsa a alegação de alguns de que eram cristãos, João não quer que pensem que isto implica que os discípulos fiéis a quem ele está escrevendo não são realmente leais. Ele mostrou que Cristo tomou as devidas providências assumindo o papel de Advogado e sendo a expiação pelos seus pecados: o sangue de Cristo purifica de todo pecado. O novo mandamento de amor está neles. Por isso ele lhes assegura que está escrevendo porque de fato foram perdoados, porque conheceram a Cristo e porque venceram o Maligno. A ideia principal em tudo isso é que até os que já são convertidos precisam estar alerta e precisam ser advertidos contra aqueles que podem induzi-los ao erro.

¹²**Filhinhos, eu vos escrevo, porque os vossos pecados são perdoados, por causa do seu nome.**

¹³**Pais, eu vos escrevo, porque conheceis aquele que existe desde o princípio. Jovens, eu vos escrevo, porque tendes vencido o Maligno.** ¹⁴**Filhinhos, eu vos escrevi, porque conheceis o Pai. Pais, eu vos escrevi, porque conheceis aquele que existe desde o princípio. Jovens, eu vos escrevi, porque sois fortes, e a palavra de Deus permanece em vós, e tendes vencido o Maligno.**

[12] Este parágrafo é bastante curioso quanto à sua construção. João faz uma declaração sêxtupla sobre o propósito da carta. Essa múltipla declaração é feita em duas séries de três frases, empregando os vocativos: **filhinhos** (*teknia* ou *paidia*), **pais** e **jovens**. Outra variação é que nas falas da primeira série João usa o tempo presente **escrevo**, e nas falas da segunda, ele emprega o passado ou aoristo **es-**

crevi. Estes dois aspectos estilísticos merecem uma pequena análise.

Normalmente entende-se que **filhinhos** nas cartas de João é uma designação geral que abarca todo o grupo ou comunidade a quem ele está escrevendo, como parece acontecer em outros versículos (cf. 1:28; 3:7, 18; 4:4; 5:21). **Pais** e **jovens**, por sua vez, denotam grupos de faixas etárias específicas: os cristãos mais velhos e os mais jovens. Nesse caso, seria praticamente o mesmo que dizer: “Eu lhes escrevo, filhinhos, sejam vocês jovens ou velhos”. Outra interpretação é a de Agostinho, segundo a qual os três termos representam três aspectos do desenvolvimento cristão: que todos os cristãos são filhos, pais e pessoas mais jovens, de diferentes pontos de vista. Em ambas as interpretações, as declarações provavelmente não representam três grupos separadamente, mas visam incluir e declarar os privilégios de todos os verdadeiros discípulos.

A mudança dos tempos verbais nas duas séries provavelmente se explica como uma mudança do presente no primeiro grupo para o chamado “aoristo epistolar”. No aoristo epistolar o tempo deve ser entendido do ponto de vista do leitor. Quando ele receber a carta, a ação do verbo estará no passado. As repetições empragadas na série de declarações são provavelmente para efeito de ênfase. Se, contudo, a mudança de tempo não for meramente epistolar, a segunda série deve ser entendida do ponto de vista histórico, ou seja, referindo-se a uma epístola anterior ou à parte anterior da presente epístola.

João faz sua primeira declaração positivamente: **eu vos escrevo, porque os vossos pecados são perdoados, por causa do seu nome**. Os filhos de Deus não vivem com medo do julgamento divino como consequência do pecado. Eles sabem que seus pecados **são perdoados**. João usa o tempo perfeito, que geralmente expressa a condição presente após um ato passado: seus pecados continuaram a ser perdoados depois de obedecerem a Cristo, o qual garantiu-lhes o perdão inicial. Como João havia explicado em 1:7–9, a confissão e o sangue de Jesus trazem purificação. O amor perfeito lança fora o medo e o tormento por causa dos pecados (4:18; cf. 3:19ss. sobre a nossa confiança). A paz de espírito se apodera dos filhos de Deus.

Além disso, esse perdão é **por causa do seu nome**. Assim como no Antigo Testamento, o “nome” representa a própria pessoa (Ezequiel

20:8, 9; 36:22), o Novo Testamento baseia a salvação no nome de Jesus Cristo (Atos 2:38; 4:12). Atos de obediência e milagres são frequentemente apresentados em conexão com o nome de Jesus como Salvador (Atos 3:6, 16; 4:7–10; 22:16). Porque o nome chama a atenção para quem é Jesus Cristo e o que ele fez, ele é invocado como fundamento dos benefícios procedentes de Deus. O que Jesus fez com exclusividade foi dar o seu sangue para que nossos pecados fossem perdoados.

[13] Se João está se dirigindo a grupos reais de membros da igreja, isso não significa que as coisas ditas a cada grupo se aplicam unicamente àquele grupo. Enfatizando coisas especialmente aplicáveis a diferentes faixas etárias, João declara as coisas que, quando tomadas em conjunto, são a somatória do que ele está dizendo e tornam sua mensagem mais concreta. É possível que o objetivo de João, ao se dirigir a diferentes grupos, seja gerar mais solidariedade na comunidade, à medida que percebem a participação de todos nas questões ali expostas. João mostra que não tinha em mente seus leitores quando mencionou alguns que só falam da boca para fora que conhecem a Deus. Os **pais** entre seus leitores realmente **conhecem aquele que existe desde o princípio**. Essa frase deve ser entendida no mesmo sentido de 1:1, “o que era desde o princípio... com respeito ao Verbo da vida”. Os pais não só reconheceram isso quando ouviram o evangelho pela primeira vez, mas (literalmente) “conheciam” isso. Foi essa a percepção deles a respeito da pessoa de Cristo desde quando começaram a entender o evangelho. Aqui a verdade do evangelho está sendo ressaltada.

O outro grupo a que João se dirige são os **jovens: eu vos escrevo, porque tendes vencido o Maligno**. Em meio à fraqueza e ao pecado, os cristãos conquistaram uma vitória duradoura. O tempo verbal é novamente o perfeito, enfatizando os resultados atuais de uma ação realizada no passado. Observe a declaração adicional feita na repetição do discurso para este grupo no versículo 14. Entenda o que essa vitória significou para a igreja primitiva lendo Apocalipse 12:7–9; a batalha com as forças de Satanás já foi vencida por Cristo. Compare com Lucas 10:18 e João 16:11, “o príncipe deste mundo já está julgado”. Todos os que se alistam no exército de Jesus participam mais uma vez dessa vitória. Cada bem-sucedida resistência a uma tentativa de Satanás de derrubar a fé de um cristão é uma “superação” ou vitória. Veja também

Apocalipse 12:11, que fala do triunfo mesmo no martírio. A vitória do Maligno (Satanás ou o príncipe deste mundo) foi a vitória de Cristo pela qual a nova era foi inaugurada (João 12:13).

O crente participa da vitória de Cristo pelo batismo, pois ali ele se une a Cristo em sua morte e participa de sua nova vida (Romanos 6:1ss.). Se o vocativo “jovens” se referir aos cristãos mais novos, a lembrança disso seria especialmente vívida para eles. Em 4:4 João fala da vitória de seus leitores aparentemente em uma recente disputa com os falsos mestres. Ali, ele provavelmente quer dizer que mantiveram a fé, enquanto outros deram ouvidos aos hereges. Em 5:4 ele menciona a vitória conquistada pela fé. A superação também pode estar relacionada à nova era sobre a qual João falou (2:8).

[14] João repete, com ligeira variação, o que acabou de dizer aos três grupos. Ele diz que escreve para os **filhinhos** (*paidia* desta vez em vez de *teknia*, mas com pequena ou nenhuma diferença de significado) porque eles (assim como os **pais** na primeira série de declarações) **conhecem o Pai**. Desta vez a ênfase está em conhecer o Pai (Deus), enquanto na anterior a ênfase estava em conhecer o Filho que era desde o princípio.

A razão de escrever aos pais é a mesma de antes: **porque conheceis aquele que existe desde o princípio**. Quanto aos **jovens**, também, a razão é a mesma: **porque... tendes vencido o Maligno**, mas João acrescenta: **porque sois fortes, e a palavra de Deus permanece em vós**. No Novo Testamento, a palavra “forte” normalmente se refere à força humana, como aquela em que os homens de guerra confiam (Apocalipse 6:15; 19:18; 1 Coríntios 1:27). Paulo declara, no entanto, que a fraqueza de Deus é mais forte do que a força dos homens (1 Coríntios 1:25–27). Assim, João aqui não quer dizer que os jovens são fortes apenas por causa da força vigorosa da juventude, mas porque **a palavra de Deus permanece** neles. O poder pelo qual o filho de Deus resiste ao Maligno é a palavra de Deus (Efésios 6:10ss.).

Podemos resumir este trecho (2:12–14) assim: João anima seus leitores e lhes garante que eles são verdadeiros cristãos e estão seguros na força do Senhor. Eles conhecem o Pai e o Filho, seus pecados são perdoados, eles são fortes e venceram o Maligno pela palavra que neles habita. Esta é a segurança cristã contra as reivindicações gnósticas. No entanto, João agora passa a adverti-los dos perigos do mundo maligno em que vivem. Aqui estão os

perigos que afligem até os fortes.

De acordo com o ensino do Novo Testamento, a nova era já foi inaugurada em Cristo. Os cristãos pertencem a esta nova ordem e não são mais do mundo. Todavia, ainda estão no mundo (João 17:14, 15), e esse mundo apresenta problemas e perigos dos quais precisam ser advertidos e contra os quais devem ser protegidos. De uma maneira muito mais intensa, os teóricos gnósticos também criam que haviam entrado na nova era. Mas não esperavam o fim do mundo em uma segunda vinda de Jesus e uma ressurreição corpórea. Ensinavam que, unindo-se a Cristo em sua ressurreição no batismo, já haviam efetuado a ressurreição (veja 2 Timóteo 2:18) e consagrados radicalmente coparticipantes da nova era. Só faltava, criam eles, libertarem-se do corpo na morte e se juntarem ao mundo espiritual graças ao conhecimento que o “evangelho” exclusivo deles lhes trouxe. Na visão escatológica radical deles, o mundo mau do presente não apresentava um grande problema como no pensamento comum de cristãos como João. Para eles, a ignorância da origem e do destino humano constituía muito maior pecado do que a imoralidade. Podemos entender a advertência de João nos versículos 15–17 contra essa visão, que minimiza o efeito das práticas pecaminosas do mundo.

Advertências contra o amor ao mundo, 2:15–17

João agora muda o tema do discurso (como diz Dodd) de “segurança para exortação”. A escuridão que os cristãos devem evitar se não encontrarem motivo para tropeço (2:9, 10) é uma escuridão característica do mundo. Os que erram o fazem porque seus olhos estão cegos e não sabem para onde estão indo (2:11). Mas, de acordo com Paulo, foi o deus deste mundo que os cegou (2 Coríntios 4:4). João acrescenta que “o mundo inteiro está debaixo do poder do Maligno” (5:19). Os pecados são as obras das trevas do mundo (Romanos 13:12). É deste mundo mau que os cristãos foram chamados (Gálatas 1:4), e é neste sentido que João adverte seus filhinhos sobre o mundo.

¹⁵Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; ¹⁶porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. ¹⁷Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém,

que faz a vontade de Deus permanece eternamente.

[15] **Não ameis o mundo.** Aqui é preciso ter cuidado para não se extrair conclusões erradas. **Mundo** aqui certamente não denota o universo físico em que vivemos. Este mundo é criação de Deus e é bom (Gênesis 1:31; cf. 1 Timóteo 4:4). João emprega “mundo” aqui num sentido diferente. Significa a esfera espiritual que está em poder do Maligno. É o mundo ou era das trevas cujo derradeiro fim vai passar (1 João 2:8; 1 Coríntios 7:31). Nenhuma concepção dualista do mundo criado por um deus menor ou mau explica o mundo mau. **Mundo** tem aqui um sentido moral (Barclay). A sociedade humana, em sua maior parte, tornou-se organizada contra Deus. Existe no mundo uma ordem de seres espirituais, de natureza má e liderada por Satanás, o qual persuadiu os humanos a se alinharem com ele e suas forças, e não com Deus. Essa sociedade humana má e perversa, que ama mais as trevas do que a luz (João 3:19), transforma o mundo criado, seus materiais, seus próprios corpos em instrumentos do mal. É este mundo mau do qual o cristão foi chamado e o qual não deve amar. Leia sobre essa exortação em Colossenses 3:1ss.; Tiago 1:21; 4:4; João 5:42. O mal não é só injustiça; é também o mal moral e religioso profundamente enraizado. Atrás do mal humano individual estão as forças espirituais do mal cujo líder é Satanás (1 João 4:4). Os cristãos não devem participar desse mundo.

O fato de João empregar “mundo” (*kosmos*) nesse sentido ético-religioso pode muito bem refletir a visão gnóstica. Os gnósticos acreditavam que o mundo material é mau porque foi criado pelo deus do mal. Professavam desprezar este mundo e o que nele há. Todavia, ao crerem que, porque já haviam entrado na nova, podiam participar das indulgências do mundo carnal sem serem contaminados, não estavam realmente amando o mundo que professavam desprezar?

Os dois mundos são mutuamente exclusivos. Embora o cristão esteja “no” mundo, ele não é “do” mundo. **Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele.** Ninguém pode amar a Deus e ao mundo ao mesmo tempo, assim como não pode servir a Deus e a Mamom (Mateus 6:24; Lucas 16:13). “A amizade do mundo é inimizade contra Deus” (Tiago 4:4; NAA).

[16] Quando João diz **tudo que há no mun-**

do... não procede do Pai, ele está definindo o que entende por **mundo**. As três coisas enumeradas como as coisas do mundo que não devemos amar provavelmente visam ilustrar e não descrever este mundo por completo. Portanto, parece um erro (como Plummer mostra em um apêndice ao seu comentário sobre as Epístolas de João) considerar essas três coisas “um resumo dos vários tipos de tentação e pecado”. Em vez disso, elas podem ser vistas como “uma declaração muito abrangente de três formas típicas de mal” (*Ibid.*). White destaca que Plummer é quase igualmente especulativo ao comparar os três pontos de João com as três tentações de Eva (Gênesis 3:6) e de Jesus por Satanás (Lucas 4:1ss.). Embora possa ser coincidência nos casos acima algum paralelo entre as tentações e a classificação tríptica de João, essas três vias não esgotam as fontes de tentação nem são uma descrição completa de todo tipo de pecado.

A concupiscência da carne pode ser comparada ao “renegar as paixões mundanas” (Tito 2:12). A palavra *epithumia* é usada aqui num sentido ruim como um desejo por algo proibido. É usada em Romanos 1:24 para as concupiscências do coração; em Romanos 6:12, para as paixões ou concupiscências do corpo mortal; em Efésios 2:3, para as inclinações da carne. Pedro fala de paixões carnis (2 Pedro 2:18). *Epithumia* também pode ter um sentido completamente neutro (Marcos 4:19, “as demais ambições”) ou um sentido muito bom (Filipenses 1:23; Lucas 22:15; 1 Tessalonicenses 2:17). João não quer dizer que a carne (o corpo físico) ou os desejos humanos que surgem no corpo são maus. **Carne** descreve os desejos de nossos corpos que podem ser incitados de uma maneira vil. Tiago explica: “cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado...” (Tiago 1:14, 15). Pecamos quando os desejos naturais são incitados por Satanás para serem usados maleficamente (veja Gálatas 5:16ss.). A sociedade pagã que cercava Éfeso mesclava uma religião idólatra com ritos no templo nos quais essas indulgências da carne ocupavam o centro tanto da religião quanto da vida cotidiana. Compare com as descrições da sociedade pagã feitas por Pedro (1 Pedro 4:3, 4) e Paulo (Romanos 1:18–32).

A concupiscência dos olhos inclui os pecados decorrentes da cediação às tentações provocadas

pelo que se vê. Especificamente, esses pecados vão desde exibições sensuais do corpo, desejo ilícitos por pessoas (Mateus 5:28s.), espetáculos mundanos, atração por riquezas materiais que leva à cobiça e ganância, e ostentação ou exibição que leva a orgulho. A lista completa seria longa.

O último pecado da lista, a **soberba da vida**, provavelmente significa “arrogância pelo ganho material”. A palavra *alazoneia*, aqui traduzida por **soberba**, só ocorre novamente em Tiago 4:16, onde é traduzida por “jactância” (RA), “orgulho” (NTLH) e “vanglória” (ACF). A forma adjetiva ocorre em Romanos 1:30 (“soberbos”) e 2 Timóteo 3:2 (“jactanciosos”). O termo “vida” (*bios*) poderia significar vida em geral, mas provavelmente significa “meio de vida”, isto é, “recursos” comuns ou “bens”. Este é o seu significado em 1 João 3:17, onde “aquele que possuir recursos deste mundo” é literalmente no grego “se alguém tem a vida (*bion*) do mundo”. Este significado é comum: Marcos 12:30, 44; Lucas 8:43; 15:12, 30; 21:4. João provavelmente emprega o termo no sentido de “orgulho ostensivo pela posse de recursos mundanos” (Plummer). Esses pecados são característicos do mundo, o qual o cristão não deve amar. Eles não procedem de Deus **Pai, mas... do mundo**.

[17] Um ponto determinante da fé bíblica é que o mundo e tudo que nele há foram criados pela palavra de Deus. “No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gênesis 1:1). Faz parte dessa fé o fato de que o mundo também será, um dia, desfeito e destruído (2 Pedro 3:10). João declara que **o mundo passa**, não apenas o universo, mas também o mundo mau, e **sua concupiscência**. Como sugere Plummer, aqueles que enfatizam apenas a *bios* (vida terrena) do mundo (seus recursos) os perderão. O Senhor reservará os que têm uma vida centrada neste mundo mau “sob castigo... para o Dia de Juízo” (2 Pedro 2:9).

E os que participam das bênçãos da nova era de Cristo serão preservados para a alegria da era celestial, num reino inabalável (Hebreus 12:28). Assim, **aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente**. O cristão que faz a vontade de Deus tem vida eterna, que é outra maneira de descrever sua comunhão com Deus (1 João 2:25; 3:15). Essa vida é um antegozo ou penhor da vida futura. Compare este parágrafo como um todo com 1 Pedro 4:2.